

## Prolegômenos a uma História da Psicologia Social Brasileira

### RESUMO

Neste ensaio é colocado em questão o problema da construção de uma psicologia social *brasileira*. O autor considera isto possível a partir do momento em que, nos cursos de pós-graduação de psicologia social, seja formada, no estudante, uma *consciência social*. Alguns passos são indicados para que seja criada esta *consciência social*: a) conhecer e assumir o passado histórico daquela disciplina tanto no Brasil como em outras nações; b) dar prioridade de estudo e pesquisa aos problemas brasileiros; c) questionar o “papel” que lhe é dado pelos diversos grupos sociais que compõem o povo brasileiro e d) possuir uma abordagem integrada, com as outras ciências sociais, da realidade brasileira. Foi feita uma revisão do desenvolvimento da psicologia social brasileira desde sua comum origem com a sociologia até os dias atuais, como também apresentados os autores que construíram ou estão construindo esta história.

## ABSTRACT

This essay puts in question the problem about the development of the brazilian social psychology. The author suggests that in graduate course of social psychology, it should be given conditions to create in each student a *social conscience*. The following steps are indicated in this process of to built a *social conscience*: a) to know and to understand the past of our discipline in Brazil and other countries; b) to be determined to investigate social brazilian problems; c) to put in question the "role" that various social groups commit to social psychologist and d) at last, to give multi-disciplinary approach of brazilian reality. It is made a re-examination of the historical development of brasilian social psychology since its common source with sociology until today. The authors that have built or are building this history are introduced.

\* \* \*

Uma das incômodas questões que estudantes de psicologia social costumam colocar nos meus cursos é a seguinte: "Quando teremos uma psicologia social *brasileira*?". A questão não deixa de ser pertinente quando se trata de psicologia social, embora acredite que não seja colocada tão insistentemente por estudantes de outras áreas científicas, como, por exemplo, da física nuclear. O comportamento das partículas atômicas é, provavelmente, o mesmo, seja nos Estados Unidos, na União Soviética ou no Brasil. Mas e o comportamento social humano? Será que a diferença — se existe — entre uma psicologia social brasileira e americana reside apenas na área aplicada? Muitos comportamentos sociais são regidos pelas mesmas leis em qualquer parte do mundo. O que pode, portanto, justificar uma psicologia social *brasileira*? Tem sentido esta questão ou é ela uma falsa questão?

Neste ensaio tento esclarecer estas questões como a mim mesmo no justo momento de minha vida acadêmica, no qual examino o que fiz até aqui e tento descobrir novos caminhos. A ciência de que estava numa crise de orientação filosófico-social ficou mais clara após minha vinda dos Estados Unidos, onde fora estudar com Arthur W. Staats o seu "behaviorismo social" cujas proposições haviam despertado minha atenção. Como marinheiro de primeira viagem coloquei na mala artigos de Lourenço Filho e Isaias Pessotti que relatam o desenvolvimento da psicologia no Brasil. Esperava encontrar um auditório atento e desejoso de saber como ia a psicologia em nosso país. Mas para minha surpresa verifiquei que os psicólogos americanos com quem interagi não demonstraram interesse pelo desenvolvimento da psicologia em nosso meio, como ainda encontrei estudantes de pós-graduação que me faziam aquela pergunta hoje antológica entre nós, isto é, se no Brasil se fala espanhol. Frente a esta situação uma atitude a tomar é aquela

recomendada por Voltaire: "Cuidemos do nosso jardim!". Pois é isto que aqui farei.

Uma das premissas que guia a minha análise é a de que é necessário, caso se queira formar psicólogos sociais brasileiros, e, por isto entendo psicólogos voltados para a realidade e problemáticas brasileiras e com capacidade de não só adaptar modelos teóricos criados em outras culturas como também elaborar novos modelos teóricos explicativos do comportamento social do homem brasileiro, criar-lhes uma *consciência social*. A criação dessa *consciência social* é um problema bastante complexo mas que pode e deve ser enfrentado por aqueles que respondem pelos cursos de pós-graduação de psicologia social nas nossas universidades. Sugiro, como ponto de partida para uma discussão mais ampla, os seguintes passos a serem considerados para concretizar esta criação da *consciência social*. Deverá o estudante ter seguras e bem fundadas informações (afasta-se todo o superficialismo reinante nos nossos cursos) sobre o desenvolvimento da psicologia social. O cumprimento desta exigência conduzirá o estudante ao estudo criterioso e cuidadoso dos textos clássicos da psicologia social, como, por exemplo, os de William McDougall e Edward A. Ross. Terá o estudante de sofrer, no primeiro momento de sua formação, seu desejo de conhecer a última teoria. A ele se pedirá, como consequência, uma revisão de atitude: a de que é inútil voltar aos textos clássicos. Não foi isto que vi nos Estados Unidos. Um dos cursos de pós cuja procura era das mais altas foi justamente o ministrado por um professor que lia e comentava na classe, página por página, linha por linha, o clássico de William James, *Principles of Psychology*. Os estudantes americanos, ao contrário dos brasileiros, consideram relevante este estudo dos clássicos. É desta forma que constroem seu "background" teórico. Ao mesmo tempo, o estudante brasileiro poderá se voltar para o estudo da psicologia social brasileira e acompanhar o seu desenvolvimento nos autores nacionais. Pode alguém até questionar se temos uma história da psicologia social ou considerá-la, caso aceite sua existência, como irrelevante. Mas pobre ou rica, relevante ou não, a temos. E é com ela que teremos que nos haver na tarefa de formarmos uma *consciência social* em nossos psicólogos sociais. Se considerarmos o passado e sobre ele refletirmos não estaremos auxiliando o psicólogo social na descoberta de sua identidade? Trata-se, portanto, de voltarmos às nossas origens.

## ORIGEM REMOTA DA PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL

A psicologia social tem, no Brasil, segundo proponho, uma origem remota e uma origem próxima. A origem remota está vinculada,

e não se distingue, ao aparecimento dos estudos de sociologia em nosso país por volta de 1850. Na sua origem, a sociologia brasileira foi impulsionada pelo próprio Augusto Comte, mas, desde logo se constituiu em mais do que se propunha, isto é, uma explicação dos fenômenos sociais subordinados a leis necessárias com os fenômenos físico-químicos. Com Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1917) essa sociologia comtista passou a ser uma "doutrina regeneradora". Mas nunca é demais lembrar que A. Comte, segundo Allport (1954), pretendia escrever, após o seu *Système de Politique Positive*, o *Le Système de Morale Positive* que fundaria uma ciência final e de integração de todas as outras, a psicologia social. No Brasil, o pensamento comtiano penetrou bem cedo e atingiu tanto a elite militar como a universitária. Um dos seus traços dominantes é o de uma nítida preocupação com os problemas sociais. Franca (1965) informa que: "... em 1865 Francisco Antonio Brandão, maranhense, publicara em Bruxelas um opúsculo intitulado *A escravidão no Brasil* de inspiração positivista". Mas foi somente em 1876 que o positivismo se mostrou forte no Brasil-Sul com Benjamin Constant fundando, no Rio de Janeiro, a Sociedade Positivista. Durante vários anos aquela sociedade foi ponto de encontro obrigatório de militares da Escola de Guerra e engenheiros da Politécnica. Dezenas de ilustres brasileiros, sobretudo os homens que guiaram a Primeira República até Vargas, inclusive, receberam uma forte formação positivista. Já é lugar comum se dizer que aos positivistas devemos o lema da nossa bandeira, o círculo com estrelas etc. Se o positivismo encaminhou-se para ser mais uma religião do que uma filosofia, como escreve Cruz Costa (1967) é isto uma outra história. Mas a ação social dos positivistas foi, isto se reconheça, bastante revolucionária para a época. Um exemplo disto é o projeto de Teixeira Mendes sobre a abolição da escravatura e cujos oito pontos eram os seguintes:

- "1. Supressão imediata do regime escravagista;
2. Adstrição ao solo do ex-trabalhador escravo, sob a direção dos seus respectivos chefes atuais;
3. Supressão conseqüente de todos os castigos corporais e de toda legislação especial;
4. Constituição de um regime moral pela adoção sistemática da monogamia;
5. Supressão conseqüente do regime de aquartelamento, pela generalização da vida de família;
6. Determinação do número de horas de trabalho quotidiano, designado o sétimo dia ao descanso, sem restrições;
7. Criação de escolas de instrução primária, mantidas nos centros agrícolas a expensas dos grandes proprietários rurais;

8. Dedução de uma parte dos lucros para o estabelecimento de um salário razoável”.

(apud Cruz Costa, pág. 162)

O mesmo Teixeira Mendes tomara posições sociais mais radicais ao se referir à relação trabalho-capital dizendo, textualmente, que:

“... o produtor do capital humano, de modo algum poderá confundir-se com o produto do seu trabalho, isto é, de sua ação real e útil sobre o mundo exterior. É mister, pois, libertá-lo e contra essa necessidade de libertação não podem, de maneira nenhuma, prevalecer considerações que derivem de alegações de ruína possível de um punhado de escravocratas”.

(apud Cruz Costa, pág. 161)

Não considero de toda eliminada a influência positivista sobre o pensamento social brasileiro, ainda que pese em contrário a opinião respeitável de Leonel Franca (1965). Seria, aliás, uma curiosa tese de filosofia social a de descobrir a influência do positivismo sobre os homens responsáveis pelo destino do Brasil desde 1964. Considero, portanto, que na formação da *consciência social* do psicólogo social brasileiro não pode ser estudado um estudo sério do positivismo. Espero ter mostrado a relevância de se fazer esse estudo que poderá ser muito bem conduzido com a consulta das obras de Ivan Lins, Cruz Costa, João Camillo de Oliveira Torres e dos próprios positivistas.

Após esses estudos, o psicólogo social brasileiro poderá se dedicar à análise das obras de Alberto Torres (1865-1917) e Oliveira Viana. O estudo do primeiro se faz imprescindível para que o estudante melhor compreenda o que hoje se chama de “pensamento autoritário” e que se desenvolveu, segundo Oliveira (1976) a partir das teses propostas por A. Torres. Ele é um dos fundadores da ideologia que orienta a Escola Superior de Guerra e que une os militares em torno de uma série de princípios relativos ao povo brasileiro, sua capacidade de se autogovernar, a doutrina de segurança nacional etc.

Segundo Oliveira (1976), A. Torres teria influenciado fundamentalmente os tenentes de 1930 que chegaram ao poder em 1964. Não é, portanto, de estranhar que a Revolução de 1964 seja, das revoluções brasileiras, a que apresentou um conteúdo ideológico estruturado já que teve como mentores intelectuais A. Torres e O. Viana. Em consequência desta ideologia a Revolução de 1964 tem uma concepção do homem brasileiro, do homem com o qual irá trabalhar o psicólogo social. Num dos seus discursos à Nação, o Presidente Ernesto Geisel esboçou o perfil desse homem que a Revolução tentaria modelar e que chamou de “homem solidário”. Mas até onde estou informado não percebi, posteriormente, desdobramentos conceituais que melhor viessem caracterizar que tipo de

homem seria este. Ele viria a ser, provavelmente, um homem diferente do homem-comunista ou do homem-burguês. Os críticos esquerdistas do atual regime vêem nas modificações de currículos escolares — introdução de Educação Moral e Cívica e Estudos Sociais — uma intenção do governo revolucionário de modelar um homem-fascista. Mas as modificações de currículos escolares em nosso país nunca atingiram a extensão e intensidade necessárias para se modelar, assim vejo, nenhum tipo particular de homem. Pergunto se a Revolução de 1964 não passou, no que se refere ao humanismo que deveria conter em seu bojo, de apenas fazer uma declaração de intenções. Que tipo de homem, afinal, está sendo criado no Brasil? Suspeito que, até agora, cria-se o homem-burguês. Mas o psicólogo social deverá estar preparado para reconhecer todo este complexo de variáveis sócio-históricas do grupo que combinadas com a história individual de cada homem e as contingências ambientais serão responsáveis, provavelmente, por muitos dos seus comportamentos. Sem conhecimento desse complexo de variáveis o psicólogo social estará, no máximo, experimentando sobre a "idéia" que faz desse homem. Ainda dentro desta linha de colocações seria interessante estudar se existem correlações entre o "pensamento autoritário" da atual elite governante com as proposições de Adorno (1950) — geradas em outro contexto sócio-cultural — sobre a personalidade autoritária. A aproximação do instrumento conceitual de Adorno, caso seja possível, com o pensamento autoritário brasileiro seria esclarecedora.

Oliveira Viana foi o primeiro brasileiro que escreveu, em 1921, um livro que recebeu por título *Pequenos Estudos de Psicologia Social*. O que era a psicologia social para Viana é uma questão sobre a qual só posso especular por intermédio de outro texto desse autor. Na edição de 1933 de *Populações Meridionais do Brasil* ele reconhece a existência de: "... um grupo de ciências novas..." e, entre essas menciona a "... psicologia coletiva dos Les Bons, dos Sigheles e, principalmente dos Tardes". Mas para ele a função dessa psicologia é auxiliar o historiador na análise dos eventos. Viana não poderia considerar, na década de 20, a psicologia social como uma ciência autônoma, o que, diga-se de passagem, não é, até hoje, um ponto sem discussão. Mas o estudo de Oliveira Viana é obrigatório para o psicólogo social brasileiro, pois além de ter sido o primeiro autor a escrever um texto de psicologia social ele auxilia na compreensão do Brasil após 1964.

## ORIGEM REMOTA DA PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL

A origem próxima da psicologia social no Brasil localiza-se nos trabalhos de Raul Briquet e Arthur Ramos compreendendo o perí-

do que se estende de 1933 até 1945. A contribuição desses dois autores pode ser melhor compreendida nos seus manuais de psicologia social.

Raul Briquet informa no prefácio do seu *Psicologia Social*, editado em 1935, que lecionou um curso de psicologia social no segundo semestre de 1933 na extinta Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. As lições que ministrou naquele ano no que foi, provavelmente, o primeiro curso de psicologia social dado em nosso país serviram de matéria do seu livro que parece não ter passado de uma única e reduzida edição. Briquet possuía como formação básica a medicina, como também Arthur Ramos. Para ele a psicologia social "... estuda os aspectos sociais da vida mental... e ao lado da biologia social, da antropologia social e da história constitui as bases da sociologia" (Briquet, pág. 2), não constituindo, portanto uma ciência autônoma. A psicologia social atribui o papel de "... evidenciar a importância dos fatores psíquicos na interpretação do comportamento dos indivíduos" (pág. 2). Seu manual é dividido em duas partes: geral e especial. Na parte geral cuida de apresentar os subsídios que a biologia teria a dar à psicologia social; os subsídios da própria psicologia — quando faz uma sucinta apresentação do "behaviorismo", da "gestalt", da aprendizagem, e, finalmente, os subsídios da sociologia. Na parte especial, Briquet expõe os fatores psíquicos responsáveis pelo comportamento social e que seriam hoje classificados na linguagem de Allport (1954) como princípios gerais e unitários para explicar o comportamento social.

Na segunda parte discorre sobre os problemas dos grupos sociais, do eu social, da adaptação social, do preconceito racial, da liderança, da opinião pública, da multidão e encerra o livro com um capítulo sobre revolução social. Nota-se em Briquet uma preocupação em enunciar "leis" do comportamento como ainda de classificar tipos e situações sociais. O seu estilo é, contudo, pesado, quase de difícil leitura. No que se refere à estrutura do livro ela não é das melhores mesmo para a época. Mas existem aspectos muito positivos no trabalho de Briquet, e, entre esses, são de notar os seguintes: a) referência bibliográfica atualizada, desde que cita livros de psicologia social que haviam sido editados em 1933 e 1934, mostrando, portanto, estar em dia com a literatura da época; b) domínio da língua alemã, pois a obra de Kohler, *Zum Gestalttheorie*, é citada no original; c) acompanhar o que se publicava no país, pois cita, entre outros, Nina Rodrigues, Gilberto Fryre, Alvaro de Faria, Miguel Couto e Roquete Pinto. Vivendo num momento histórico de exaltação racista que valorizava na Alemanha de Hitler a raça ariana e, em nosso meio, levantava barreiras para a imigração japonesa, Briquet argumenta contra a falácia científica das teses racistas criticando Louis Agassiz que havia no seu

*A Journey in Brazil*, de 1868, considerado os nossos mestiços e mulatos inferiores aos brancos. Briquet termina o seu manual com um capítulo sobre a revolução e o direito que tem um povo de fazê-la contra um governo iníquo buscando para apoiar esta posição a opinião de um clássico, J. F. Lisboa. Dotado de uma cultura clássica e científica, Briquet ilustrava fenômenos sociais que tanto haviam ocorrido na antiguidade romana como na atualidade. Ele foi um psicólogo social com consciência.

Arthur Ramos (1903-1949), médico de formação, ministrou de julho a dezembro de 1935 na Escola de Economia e Direito da extinta Universidade do Distrito Federal, o segundo curso de psicologia social em nosso país. Em 1916 é publicado, no Rio de Janeiro, o seu *Introdução à Psicologia Social* que chegou até a 3a. edição em 1952. O estilo de Ramos é agradável, de fácil leitura, variado e rico. Ele já conhecia, no original alemão, o trabalho publicado por Kurt Lewin até aquela época. Como Briquet sua bibliografia é atualizada. A estrutura do livro é quase perfeita havendo um encadeamento lógico entre os capítulos e chega a ser tão boa como a estrutura dos manuais norte-americanos que apareceram nas décadas de 50 e 60. Se conhece Lewin e a "Gestalt-theorie" revela, contudo, uma especial predileção para analisar o comportamento social dentro de um modelo psicanalítico. Freud é referenciado no original, como também Jung, Paul Schilder, Alfred Adler e outros pais da psicanálise. Sua posição com relação à autonomia da psicologia social é bastante semelhante à de Briquet, senão vejamos: após considerá-la uma disciplina recente — o que dificultaria, segundo ele a delimitação dos seus objetivos — coloca-a numa "terra de ninguém" entre a psicologia e a sociologia. Revê as diferentes posições de outros autores sobre o problema concluindo que à psicologia social caberia estudar três ordens de fenômenos: a) as bases psicológicas do comportamento social; b) as inter-relações psicológicas dos indivíduos na vida social e, neste caso seria uma interpsicologia no sentido de Tarde, e, c) a influência total dos grupos sobre a personalidade, quando seria uma sociologia psicológica e uma psicologia cultural. Ramos não se dedicou exclusivamente ao estudo da psicologia social e seus interesses sociais, segundo Leite (1976), deslocaram-se para a área da antropologia e a pesquisa das manifestações religiosas do negro brasileiro. Mas a sua *Introdução* ofereceu a várias gerações de estudantes brasileiros uma síntese correta das grandes linhas teóricas que orientam a psicologia social até hoje. Com Arthur Ramos encerra-se a fase de origem próxima da psicologia social no Brasil. O período que se segue, denominado de institucionalização da psicologia social na universidade, inicia-se em 1945 com a vinda de Otto Klineberg para o Brasil e se estende até os dias atuais.

## INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA SOCIAL NA UNIVERSIDADE

Otto Klineberg participa da história da psicologia social brasileira a partir do momento que assumiu, no período de 1943 a 1947, a cátedra de psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sua atividade docente foi, contudo, bem diversificada. Organizou um manual de psicologia, *A Psicologia Moderna*, que na época teve o grande mérito de oferecer aos estudantes um resumo dos principais desenvolvimentos dos vários campos da psicologia. Como editor desse manual, Klineberg contou com a colaboração de vários psicólogos brasileiros, tais como: Durval Marcondes, Betti Katzenstein, Aniela Ginsberg, Anita Cabral, Virginia Leone Bicudo, Osvaldo de Barros Santos, Cícero Cristiano de Sousa, e o próprio Otto Klineberg que escreveu o capítulo referente à psicologia social. No Brasil, Klineberg pode ainda rever o seu *Psicologia Social* que fora publicado nos Estados Unidos pela Holt em 1940. Aquele manual foi traduzido para o português e publicado em dois volumes, sendo a 1a. edição de 1959 e a segunda de 1963. Foi sem dúvida nenhuma nesse manual que estudaram as primeiras gerações de psicólogos brasileiros. É possível também que Otto Klineberg tenha influenciado um jovem estudante da época, Dante Moreira Leite, para que esse se dedicasse ao estudo do problema do caráter nacional. Mota (1977) relata que Leite teve a idéia da sua tese de Doutorado por volta de 1948. Constatei, por outro lado, que foi justamente naquele ano que apareceu no número 1 da *Revue de Psychologie des Peuples* um artigo de Klineberg intitulado *Psychologie et caractère national*. É possível que Leite tenha lido aquele artigo ou tido, em conversas com Klineberg, sua atenção voltada para o problema do caráter nacional. Desde a década de 40 que a área de psicologia social tem recebido, na Universidade de São Paulo, a influência de Otto Klineberg. Ainda em 1977 aquele professor ali retornou para ministrar um curso na área de psicologia social.

Dante Moreira Leite (1927-1976) desenvolveu, na Universidade de São Paulo, um intenso trabalho para a criação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, tendo a morte o surpreendido no momento em que dirigia o Instituto de Psicologia daquela instituição. Sua contribuição capital na área da psicologia social acha-se na sua tese de doutoramento cuja 3a. edição, sob o título de *Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia*, não chegou a ser publicada. Foi somente nesta década de 70 que a relevância social do trabalho de Leite começou a ser reconhecida por um público mais amplo, isto é, de não-psicólogos. Mota (1977), por exemplo, coloca Leite como um ideólogo da cultura brasileira ao

lado de um Sérgio Buarque de Holanda, um Antonio Cândido e outros. Ao estudar o problema do caráter nacional, Leite reviu e criticou, praticamente, toda a literatura que havia sido publicada até então. Nessas diversas doutrinas do caráter nacional brasileiro ele vê "... um obstáculo no processo pelo qual uma nação surge entre outras, ou pelo qual um povo livre surge na história" (pág. 329). Mas o que não indicou na sua tese e que está ainda para ser feito, é um estudo dos meios que podem ser usados para modificar esse quadro. As diversas doutrinas do caráter nacional, que diga-se de passagem ainda dominam diferentes segmentos da população brasileira, são de difícil extirpação. Uma tarefa que pode caber ao psicólogo social brasileiro é o da investigação de como essas doutrinas permanecem no povo e como orientam o comportamento social. Uma ou mais teses desenvolvidas nesta direção seriam de bastante oportunidade no final desta década e ainda uma justa homenagem à memória de Dante Moreira Leite. Cabe ainda ressaltar o trabalho que Leite realizou no campo da tradução. Ele foi um tradutor infatigável de textos de psicologia em geral e de psicologia social em particular. Graças ao seu trabalho os estudantes brasileiros podem ler, no vernáculo, textos de um Fritz Heider, de um Salomon Asch, entre outros.

Arrigo Leonardo Angelini (1924-) tem realizado, no Instituto de Psicologia da U.S.P. um trabalho internacionalmente reconhecido na área da teoria da realização de McClelland e Atkinson. Na sua tese para cátedra da FFCL da U.S.P., publicada em livro sob o título de *Motivação Humana: O Motivo de Realização*, Angelini propõe um método projetivo para o estudo do motivo de realização. O seu MPAM — Método Projetivo de Avaliação do Motivo de Realização — tem a grande vantagem de ter sido criado para a nossa população, aqui padronizado e servir para a mensuração daquele motivo em crianças, adolescentes e adultos. Com parcimônia, Angelini estuda e contribui para o desenvolvimento da teoria da realização sem, contudo, acompanhar McClelland nas suas ambiciosas projeções sobre a possibilidade de que aquele motivo seja completamente suficiente e necessário para explicar o progresso das nações. (Vide David McClelland, *The Achieving Society*, 1961) A pesquisa experimental que Angelini tem realizado no Brasil, com a contribuição de colaboradores, tem mostrado, de um lado a generalidade da teoria e doutro que diferentes seguimentos da nossa população têm diferentes graus de motivo de realização. Ao lado da docência e da pesquisa, Angelini tem tido há mais de duas décadas uma intensa atividade administrativa no Instituto de Psicologia da U.S.P. do qual é, atualmente, o diretor.

Ainda na Universidade de São Paulo há de se destacar o trabalho que vem sendo realizado por Arno Engelmann (1931-) na área de psicologia da linguagem ou mais especificamente o relato de esta-

dos subjetivos onde se entrelaçam a psicologia da personalidade e a psicologia social. Para estudar este problema Engelmann fez um exaustivo estudo dos tipos de escalas que usaria sendo o seu livro *Os Estados Subjetivos: Uma Tentativa de Classificação de seus Relatos Verbais*, publicado em 1978, um exemplo de aplicação crítica de escalas tipo diferencial semântico.

No recém-criado Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da U.S.P. cabe indicar o trabalho que vem sendo realizado por Ecléa Bosi na área de comunicação de massa. Sua tese de doutoramento, *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias*, editada pelas Vozes já se encontrava, em 1977, na sua 3a. edição. Voltando-se para o estudo dos hábitos de leituras de operárias paulistas, Bosi realizou um trabalho que constitui um bom exemplo do que aqui propomos: isto é, de se voltar para o estudo da realidade brasileira.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC — Aroldo Rodrigues, Master pela Universidade de Kansas e Ph. D. pela Universidade da Califórnia — UCLA — tem realizado um trabalho notável e de penetração nacional, pelo desenvolvimento da psicologia social no Brasil. Sua orientação teórica é cognitivista tendo estudado com Fritz Heider. Foi em 1966 que defendeu a sua tese de Ph. D., *The Psychologic of Interpersonal Relations* (não publicada), tendo regressado ao país em 1967 e assumido a chefia do Departamento de Psicologia da PUC. Rodrigues recebeu nos seu anos de formação acadêmica a influência de Antonius Benko, jesuíta e psicólogo, que pode, possivelmente, o ter encaminhado para uma concepção humanista do homem e da sociedade. No seu *Psicologia Social* — já na sua 6a. edição em 1977 — Rodrigues considera, ao contrário de Briquet e Ramos que a psicologia social é uma ciência autônoma e analisa suas relações com outras ciências sociais. Para distinguir a psicologia social da sociologia, Rodrigues mostra que as duas ciências embora tenham muitas áreas comuns de estudo — como, por exemplo, atitude, status, delinqüência — elas distinguem na abordagem desses tópicos quanto ao objeto formal. Frente ao crítico problema da liberdade humana ele adota uma posição favorável ao livre arbítrio, fundamentado em Nuttin e Allport. Muito sumariamente esta posição pode ser aqui indicada como aquela que indica que as ações humanas têm uma probabilidade de ocorrência maior ou menor em certas situações do que em outras. Acredito ser desnecessário descer numa descrição maior de *Psicologia Social* que tem sido o manual mais lido e estudado pelos psicólogos que estão se formando nesta década. Outra contribuição de Rodrigues para a formação dos psicólogos sociais brasileiros se encontra na publicação, em 1975, de outro livro seu, *A Pesquisa Experimental em Psicologia e Edu-*

cação. É bem sabido entre os docentes de psicologia social a dificuldade que encontram os nossos estudantes quando após um estudo geral dessa disciplina tentam passar para a realização de experimentos. O planejamento experimental pede um conhecimento razoável de estatística, operacionalização das variáveis etc. Existia, nesta área, uma lacuna bibliográfica que veio ser preenchida por aquele livro. Agora, os estudantes de psicologia têm um manual que lhes permitirá aproximar do problema de "experimental design" sem os clássicos temores despertados por manuais de estatísticas preparados para outras áreas científicas que não a psicologia. Publicando em revistas brasileiras e norte-americanas, Rodrigues tem uma vasta bibliografia e sua contribuição científica, de alto nível, é reconhecida, nos Estados Unidos, por psicólogos sociais como Leonard Berkowitz, Robert Zajonc, entre outros, que freqüentemente o referenciam nos seus artigos e livros. Ainda recentemente Ted Newcomb associou-se com Rodrigues para escrever uma monografia sobre "balance", um dos problemas centrais das teorias cognitivas e que tem em Heider (1958) e em Newcomb (1971) os seus principais teóricos. Ao lado desta intensa atividade docente, Rodrigues tem ainda se destacado por sua ação social tendo sido presidente da Sociedade Latino-Americana de Psicologia Social em 1976, e, eleito no XVI Congresso Interamericano de Psicologia, realizado em Miami, Presidente da "Sociedade Interamericana de Psicologia".

Em Minas Gerais cabe destacar o trabalho que ali vem sendo feito desde a década de 60 por Pierre Weil e Célio Garcia da Universidade Federal de Minas Gerais. Weil, psicólogo francês, foi o responsável, por muitos anos, pela Escola de Administração do extinto Banco da Lavoura de Minas Gerais. Naquela escola introduziu modernas técnicas de organização e o uso sistemático de "T-Group" no processo de treinamento de gerentes e funcionários daquela instituição. Outra contribuição que fez no campo de aplicação da psicologia social foi o da divulgação de princípios de relações humanas para o grande público.

Célio Garcia tem tido junto às novas gerações de psicólogos sociais uma influência muito grande cabendo-lhe, em Minas, o mérito de ter encaminhado estudantes para pós-graduação nos Estados Unidos. Sua formação é basicamente francesa tendo recebido influência de Jean Stoetzel e Max Pagès. Seu treinamento em grupo foi feito na "Association pour la Recherche et l'Intervention Psycho-Sociologique" (ARIP), de Pagès, e quando regressou ao Brasil, em 1960, após passar 6 anos na França, Garcia trabalhou com grupos na empresa. Sua área de interesse atual localiza-se no estudo do discurso tendo aproveitado o estágio que realizou, entre 1975 e 1976, em Harvard e Berkeley para se aprofundar em proble

mas de lógica e linguagem. Sua atividade docente na U.F.M.G., no curso de Mestrado, está voltada para estudos de lingüística (Sausure, Chomsky), lógica do significante (Lacan) e ciências formais (fundamentos da matemática, gramáticas formais).

Cabe, finalmente, indicar outros centros onde a psicologia social vem se desenvolvendo, nesta sua fase de institucionalização na universidade brasileira. No campus da U.S.P., em Ribeirão Preto, Paul Stephaneck vem realizando há dez anos um trabalho relevante no campo da ergonomia. Ex-aluno de J. M. Faverge, Stephaneck tem se caracterizado por seus trabalhos experimentais realizados com o rigor e a crítica que caracterizavam a velha escola européia. Seus ex-alunos têm, por outro lado, se destacado nos serviços de seleção, treinamento e segurança no trabalho nas indústrias paulistas e cariocas. Atualmente, Stephaneck dirige o Laboratório de Ergonomia do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, onde tem investigado, entre outros problemas, o relativo à sobrecarga da memória em situação de trabalho.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os estudos de dinâmica de grupo conduzidos por Juracy Marques parecem promissores, enquanto na Universidade Federal da Paraíba, Leôncio Camino coordena um grupo que vem se formando ao seu redor para estudos no campo da psicologia social. Sem um planejamento global a psicologia social vem se desenvolvendo no Brasil quase assistematicamente sem uma consciência da sua força e do que lhe pede os diferentes grupos sociais que compõem o povo brasileiro. É, agora, o momento de deixar à guisa de conclusão algumas sugestões para que esse desenvolvimento se proceda de uma forma mais orgânica.

## CONCLUSÃO

Este prolegômeno à história da psicologia social no Brasil, que não pretendeu ser exaustivo e completo, pois é apenas um prolegômeno, sugere a necessidade da formação de uma *consciência social* do nosso psicólogo social que não pode nunca ser confundido com "politização". Esta consciência o ajudará a situar-se na época da história em que vive no seu país e em seu continente, a América Latina, com sua complexa e quase crônica problematidade. Quando estiver *situado* nesta realidade o nosso psicólogo social se voltará, naturalmente, para a investigação de alguns problemas, que, para ele terão prioridade sobre outros. Talvez ele venha a considerar o problema das reformas sociais implantadas, pelo governo, verticalmente sobre a nossa população. Talvez este papel de "eva-

luator”, no sentido que propõe Campbell seja o que lhe está pedindo o atual momento histórico da nossa nação. Talvez considere problemas de amplitude menor, como, por exemplo, o da mudança de atitudes do brasileiro com relação à religião, ao sexo, à família. Talvez considere como importantes problemas relativos ao “mass media”, a influência da televisão nos processos cognitivos das nossas crianças. Enfim, a problemática é extensa e pede para o seu correto diagnóstico um psicólogo social muito bem formado. Mas neste momento a questão que se coloca é a relativa ao psicólogo social brasileiro que estamos formando nas universidades. Se acreditamos que a psicologia social é uma ciência, deverá existir uma unidade em torno desta formação, seja de conceitos, métodos etc. Mas a psicologia social, como bem mostrou House (1977) é uma ciência com três faces. Segundo ele um dos grandes erros que tem prejudicado o nosso desenvolvimento é o de não reconhecermos estas três faces, isto é, a de uma psicologia social psicológica e mais ligada, portanto, à tradição “lewiniana”; a de uma psicologia social sociológica mais ligada ao interacionismo simbólico de George Mead e outros, e, finalmente a de uma psicologia social ligada à estrutura social e à personalidade. Uma formação que atendesse a esta exigência de integração poderia, quem sabe, formar um psicólogo social mais pronto a enfrentar os problemas que a realidade lhe coloca. Será isto possível?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, T. W., Frenkel-B. E., Levinson, D. J. and Sanford, R. N. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper-Row, 1950.

Allport, G. W. The Historical Background of Modern Social Psychology. In: Lindzey, G. *The Handbook of Social Psychology*, vol. 1, Addison-Wesley, 1954.

Angelini, A. L. *Motivação Humana: O Motivo de Realização*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

Bosi, E. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias*. 3.<sup>a</sup> edição, Petrópolis, Vozes, 1977.

Briquet, R. *Psicologia Social*. São Paulo, Francisco Alves, 1935.

Costa, C. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

Engelmann, A. *Os Estados Subjetivos: Uma Tentativa de Classificação dos seus Relatos Verbais*. São Paulo, Editora Ática, 1978.

Franca, L. *Noções de História da Filosofia*. 18.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, Agir, 1965.

House, J. S. The Three Faces of Social Psychology. *Sociometry: A Journal of Research in Social Psychology*, 40 (2): 161-177, 1977.

Klineberg, O. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 2.<sup>a</sup> edição, 1963.

Leite, D. M. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia*. 3.<sup>a</sup> edição revista, refundida e ampliada, São Paulo, Pioneira, 1976.

Mota, C. G. *Ideologia da Cultura Brasileira: Pontos de Partida para uma Revisão Histórica*. 2.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Ática, 1977.

Oliveira, E. R. *As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil (1964-1969)*. Petrópolis, Vozes, 1976.

Ramos, A. *Introdução à Psicologia Social*. 3.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, Editora Casa do Estudante do Brasil, 1952.

Rodrigues, A. *Psicologia Social*. 6.<sup>a</sup> edição, Petrópolis, Vozes, 1976.

Rodrigues, A. *A Pesquisa Experimental em Psicologia e Educação*. Petrópolis, Vozes, 1975.